

O Governo Político da Frelimo através da Violência e da Memória no Moçambique Pós-colonial

Traduzido de: Frelimo's Political Ruling through Violence and Memory in Postcolonial Mozambique

Victor Igreja

Journal of Southern African Studies

Precisa citar este papel?

Receba a citação nos estilos
MLA, APA ou Chicago

Quer mais papéis como este?

Faça o download de um pacote PDF de artigos
relacionados

Pesquise no catálogo de 40 milhões de artigos
gratuitos da Academia

O Governo Político da Frelimo através da Violência e da Memória no Moçambique Pós-colonial

Victor Igreja

Journal of Southern African Studies

[Original Paper](#) 

Abstrato

Termos e condições completos de uso: <http://www.informaworld.com/terms-and-conditions-of-access.pdf> Este artigo pode ser usado para fins de pesquisa, ensino e estudo privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, empréstimo ou sublicenciamento, fornecimento sistemático ou distribuição de qualquer forma a qualquer pessoa é expressamente proibida. O editor não dá nenhuma garantia expressa ou implícita ou faz qualquer representação de que o conteúdo será completo, preciso ou atualizado. A precisão de quaisquer instruções, fórmulas e doses de medicamentos deve ser verificada independentemente com fontes primárias. O editor não será responsável por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas ou custos ou danos causados, sejam eles quais forem, decorrentes direta ou indiretamente da utilização deste material.

Introdução

Desde o início, o falecido Marechal Samora Machel definiu o 'Encontro dos Comprometidos' como 'um encontro político' na medida em que se relacionava 'de forma particularmente intensa com os interesses da comunidade'.¹ A sua importância foi demonstrada pela presença de altos dirigentes do partido Frelimo. À medida que a reunião se

desenvolvia, os oficiais da Frelimo, bem vestidos e barbeados, permaneceram sentados em silêncio, contentes por ver Machel actuar. Mas durante uma dessas instâncias, enquanto Machel estava interrogando um participante chamado ARS, inesperadamente Machel revelou como a Frelimo usa a violência para governar Moçambique. Depois de algumas perguntas Machel, que pensou que ARS estava tentando atrasar a admissão de culpa, tentou coagi-lo a falar. Ele disse: '[Você] não consegue falar; talvez em privado, mas em privado somos violentos. Falamos muitas línguas - línguas, você está ouvindo? Por favor fale aqui. É aqui que falamos a linguagem do amor humano, do respeito pela pessoa, do respeito pela pessoa. Fale por favor. Não nos obrigue a usar muitos idiomas'. 2 Machel não revelou se os espaços privados ficavam dentro ou fora das estruturas do partido-Estado, se a burocracia do partido-Estado mantinha registros daqueles que haviam sido vítimas das múltiplas linguagens da violência ou se ele, como estadista, usou pessoalmente essas múltiplas línguas. Apesar da importância da iniciativa de transição pós-independência para lidar com os legados do colonialismo, que culminou na reunião de uma semana dos comprometidos em 1982, este processo político tem recebido pouca atenção dos estudiosos da política moçambicana contemporânea. Os poucos relatos existentes que discutem o encontro dos comprometidos são problemáticos: alguns exageram e distorcem o ocorrido, 3 enquanto outros fazem uma cobertura superficial. 4 Um documentário, que também tratou desta reunião, intitulado 'Moçambique ou Tratamento para Traidores' está incompleto. 5 Ao contrário de muitas das ações violentas perpetradas em todo o país por oficiais de baixo escalão da Frelimo, 6 esta reunião foi inteiramente liderada por Machel, que interrogou os comprometidos sobre suas antigas afiliações coloniais. Examinar o desempenho de Machel e algumas das reações contingentes dos comprometidos oferece possibilidades de 'espiar alternativas' 7 vis-à-vis a literatura dominante inicial sobre a Frelimo e Machel durante e após a luta anticolonial. Ao fazê-lo, podem ser representados "atos da ação humana", de modo que seja concebido um mundo em que "as pessoas fazem coisas" em vez de um mundo em que "as coisas acontecem às pessoas". 8 Muitos dos autores que escreveram na década de 1980 centraram-se principalmente nos aspectos marxistas-leninistas das políticas da Frelimo, 9 e permaneceram em silêncio sobre a importância da violência para a Frelimo na sustentação dessas políticas e sobre o número e identidade das suas vítimas. Esses autores tinham a tendência de 'reiterar acriticamente a historiografia oficial' 10 e de representar a violência como algo que acontecia com a Frelimo. Os autores que se concentraram em como a Frelimo espalhou a violência foram a exceção, embora tenham falado menos sobre as próprias atuações violentas de Machel. 11 Outros analisaram criticamente as contradições dos planos socialistas de desenvolvimento rural da Frelimo. 12 Este artigo preenche uma lacuna na literatura. Seguindo abordagens que exploram seriamente 'o comportamento real de líderes e outros autores políticos', 13 examinam 'o significado e legados da violência' 14 em África e discutem o uso da violência pela Frelimo antes e depois da independência, 15 este artigo centra-se na estratégia de transição da Frelimo abordar os legados do regime colonial português. Argumenta-se aqui que o uso da violência pela Frelimo pode ser parcialmente interpretado como uma 'busca hegemónica', 16 na medida em que tentou

estabelecer uma descontinuidade radical com o regime colonial ao erradicar alegados inimigos da sociedade e impor uma consciência revolucionária nacional. Um relato abrangente da violência da Frelimo e de Machel indica que às vezes a violência era praticada sem propósito, e isso criava um sério enigma moral no qual 'a vontade de poder' existia em uma tensão perturbadora com 'a vontade de justiça'. 17 O uso generalizado da violência acabou por reproduzir os mesmos males e perigos que a revolução quis erradicar. Esta contradição levanta questões sobre a legitimidade moral da Frelimo e das práticas políticas de Machel, que em última análise contribuíram para a própria alienação de Machel e a desordem do projeto socialista da Frelimo.

Os principais argumentos deste artigo foram desenvolvidos com base em transcrições pessoais de muitas horas de atas gravadas em áudio e vídeo da reunião. 18 Também analisei revistas e jornais que relataram eventos violentos antes e depois da independência e documentos oficiais do partido Frelimo, discursos públicos de Machel e discursos de funcionários do governo da Frelimo. O artigo também se baseia em entrevistas que realizei em 2003 e 2009 com figuras políticas que participaram neste encontro e indivíduos que sobreviveram à violência perpetrada pela Frelimo no período pós-colonial.

Violência em projetos de construção de nações africanas

Como a história é 'virtualmente contínua e descontínua', 19 há continuidades no uso da violência desde os projetos coloniais de exploração até o estabelecimento de movimentos de libertação nacional e tentativas pós-coloniais de criar novas comunidades políticas. 20 Apesar da centralidade da violência, 'o paradoxo é que há um déficit de reflexão científica em relação aos 'tecidos coercitivos da política''. 21 Foi apenas no final dos anos 1980, com o fim da Guerra Fria e a emergência de novos regimes democráticos na África, que se desenvolveu uma pesquisa sistemática para compreender a dinâmica da violência perpetrada pelos movimentos de libertação e partidos revolucionários pós-coloniais. Por exemplo, a análise de Abbink das ações do Terror Vermelho na Etiópia baseou-se na noção de 'teatro da violência', 22 para explorar atos violentos encenados publicamente e executados, parcialmente explicados por uma 'busca hegemônica'. 23 A ideia de um 'teatro da violência' sugere a existência de 'repertórios de coerção' 24 usados por elites políticas locais e nacionais contra dissidentes políticos reais ou virtuais, muitas vezes rotulados como 'inimigos do povo'. Em contextos coloniais e pós-coloniais, supostos "inimigos" foram expostos à violência física direta por meio de atos de tortura, confissões forçadas de traição e culpa, ordens políticas ilícitas de prisão, deportação para campos de trabalhos forçados ou foram submetidos à pena de morte ou execuções extrajudiciais. 25 Os repertórios de violência também incluíam o que Judith Butler chama de 'discurso excitável', em sua análise do poder do discurso de ódio para ferir os destinatários. 26 Butler sugere que certos tipos de fala "podem agir de maneira paralela à imposição de dor e lesão física", na medida em que a linguagem pode ser concebida como portadora do poder de sustentar o corpo, mas também de ameaçar sua

existência. 27 Prestar atenção ao conteúdo do 'discurso excitante' lança mais luz sobre as disjunções entre a violência de Machel em seus discursos escritos e improvisados. À luz das continuidades com a violência colonial, esta análise de desempenhos políticos violentos após a independência revela as ambivalências das elites governantes da Frelimo em relação ao projeto pós-colonial de construção da nação.

Tais "teatros de violência" por parte das elites governantes nacionais africanas geraram conflitos destrutivos. Após a independência de Angola em 1975, houve conflitos políticos e ideológicos e lutas pelo controle político dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), 28 culminando em tentativas violentas de derrubar o partido-Estado MPLA em maio de 1977. O A resposta do MPLA consistiu numa 'repressão sangrenta' em que 'foram executadas por todo o país' centenas de pessoas, reais ou virtuais participantes na tentativa de golpe. 29 No Zimbábue pós-colonial, o ZANU(PF) de Robert Mugabe classificou grupos instáveis de ex-guerrilheiros Ndebele do Zipra como 'dissidentes', culminando em um 'reino de terror' contra os ex-guerrilheiros do Zipra e o partido político ZAPU; 30, a Quinta Brigada do Exército Nacional do Zimbábue 'realizou uma campanha grotescamente violenta' na qual vários indivíduos 'acreditavam ter ajudado ou incitado dissidentes, mas particularmente ex-combatentes da Zipra... foram torturados e às vezes mortos'. 31 Existem muitos outros exemplos de respostas violentas do Estado pós-colonial (por exemplo, Guiné Equatorial, Etiópia, Malawi, etc.) 32 O que esses casos compartilham é a consistência da resistência dos 'dissidentes' vis-à-vis a 'busca hegemônica' das elites pós-coloniais do estado, enquanto os chefes de estado nesses países freqüentemente trabalhavam nos bastidores. Estes casos diferem do processo de transição pós-colonial em Moçambique, defendo, na medida em que o chefe de Estado, Samora Machel, foi o centro das atenções na prática da violência.

Violência Antes da Independência em Moçambique

Os vários acadêmicos que escreveram sobre Moçambique na década de 1980 demonstraram pouco interesse no uso da violência pela Frelimo. 33 Mesmo quando os estudiosos afirmavam ter 'firme experiência em primeira mão' 34 havia uma disjunção entre o que foi visto e experimentado e o que foi escrito, de modo que os textos produzidos pareciam 'cegos' ao uso da violência pela Frelimo como um instrumento de política e autopropetuação.

Durante a luta de libertação houve relatos de suspeitas mútuas, desconfiança e violência nas fileiras da Frelimo. O falecido presidente Eduardo Mondlane escreveu que 'um movimento não pode se tornar muito paranóico, ou perderá o apoio potencial'. 35 Uma das histórias sobre as zonas libertadas é que foram constituídas através de uma 'simbiose quase perfeita entre a FRELIMO e o povo'. 36 Na realidade, porém, também foram sustentados pela 'força e repressão' e em algumas províncias alega-se que 'muitos recrutas foram

executados', embora 'exista pouca ou nenhuma informação sobre este tipo de acção'. 37 A luta armada pela independência terminou com a assinatura do Acordo de Lusaka a 7 de Setembro de 1974. Este Acordo marcou o início das tentativas de construção de uma nova ordem política em Moçambique sob a liderança da Frelimo e Machel. 38 Antes da independência, em fevereiro de 1975, a Frelimo elaborou o 'Plano de Mocuba', que propunha o expurgo de 'elementos reacionários dentro da Frelimo'. 39 Campos de reeducação foram criados para disciplinar os reacionários da Frelimo e colaboradores do regime português. Afirma-se que em Abril de 1975 cerca de 240 a 300 'detidos políticos, que a Frelimo tinha detido desde a posse do governo de transição, desfilaram em Nachingewa durante um julgamento-espetáculo'. 40 Num estilo de confissão através de tortura semelhante ao praticado pelos guerreiros da SWAPO durante a luta pela independência da Namíbia, 41 a Frelimo extraiu 'confissões sob coação' em Moçambique e 'os detidos foram desfilados perante uma tribuna de honra presidida por Machel, que actuou tanto como procurador e juiz', segundo João Cabrita. 42

Perseguição e Guerra após a Independência

Após a independência em junho de 1975, o país foi engolfado por 'medo e suspeita' e 'a coerção tornou-se um componente cada vez mais importante de mobilização e disciplina'. 43 Como foi observado em outros países emergentes de movimentos de libertação, 'os vencedores tiveram a tendência... de simplesmente substituir os próprios poderes anteriores'. 44 Num discurso proferido em 1978, o então secretário do partido Frelimo, Óscar Monteiro, indicou que 'nós temos a nossa política, prendemos; prendemos os reacionários, boateiros, não temos medo quanto a isso. Nós punimos'. 45 Supostos reacionários dentro e fora da Frelimo, autoridades tradicionais e líderes religiosos cristãos, 46 e muitos outros moçambicanos acusados de colaboração anterior com o colonialismo português foram presos e enviados para campos de reeducação. 47 As punições eram tão arbitrarias que até doentes mentais eram encontrados nesses campos. 48 Na Gorongosa, distrito do centro de Moçambique considerado 'território do inimigo', 49 vários professores primários foram punidos com prisão e sujeitos a severos interrogatórios em 1978 devido a uma interpretação linguística incorrecta no exame do terceiro ano. Eles passaram 3 meses na prisão para aprender a dominar o português corretamente. 50 Ao longo da implementação da iniciativa de transição pós-colonial, alega-se que a Frelimo foi 'responsável por dezenas de milhares de mortes e, segundo ela própria, pela detenção, deslocamento ou realocação forçada de várias centenas de milhares em Moçambique'. 51 Estas campanhas aumentaram o fosso entre os objectivos da Frelimo de unidade nacional e o seu 'apoio potencial' aludido por Mondlane, visto que as pessoas estavam alienadas pela violência. Os casos mais notórios de indivíduos executados pelo governo da Frelimo permanecem uma parte vívida das memórias de indivíduos que sobreviveram a esse período, 52 e as histórias de outras figuras-chave que a Frelimo matou foram imortalizadas em livros publicados muitos anos após a ocorrência desses eventos cruéis. 53 Enquanto se desenvolvia a perseguição interna e a violência

contra supostos inimigos, o governo da Frelimo também se envolveu em uma frente externa de conflito, apoiando a luta anticolonial na Rodésia e adotando sanções das Nações Unidas contra aquele país. Como resultado, as forças militares de Ian Smith invadiram Moçambique e causaram estragos tanto em seu povo quanto em sua infra-estrutura. Estas invasões externas coincidiram com o início da guerra civil (1976-92) em Moçambique, liderada pelo movimento rebelde Renamo, que, segundo testemunhos dos seus dirigentes, foi fundado por moçambicanos que tinham sofrido e escapado à violenta perseguição da Frelimo. 54 A maioria dos autores que escrevem sobre a política pós-independência consideram as invasões rodesianas, e o facto de a Renamo ter sido inicialmente apoiada pela Rodésia e mais tarde pelo apartheid da África do Sul, como o único factor responsável pela violência política em massa em Moçambique, também chamada de 'guerra de desestabilização'. 55 Como este artigo demonstra, as atuações de Machel deram várias dicas de como a Frelimo também foi responsável pela violência pós-colonial. Alguns autores levaram a sério os factores internos, incluindo os 'conflitos não resolvidos nas fileiras da Frelimo durante a luta anticolonial', 56 e consideraram a conjunção de factores internos e externos como contribuindo para transformar a realidade pós-colonial em Moçambique num estado de guerra civil de pleno direito. 57 Juntamente com a guerra civil que se construía lentamente no final da década de 1970, o país também se desintegrava no caos social, que Machel chamou de "a grande alienação". 58 Os quadros da Frelimo atribuíram a responsabilidade por esta desintegração à permanência na pós-colónia de 'agentes inimigos'. Portanto, em 1978, durante o início da campanha para reestruturar o partido Frelimo, Samora anunciou a próxima rodada de expurgos para "rejeitar a carga impura". 59 'A carga impura' esteve ligada a algumas das seguintes organizações ex-coloniais: PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado); ANP (Partido de Ação Popular Nacional) e GEP (Grupos Especiais de Pára-quadras). Os moçambicanos negros que trabalhavam para essas organizações coloniais eram genericamente identificados como 'Os Comprometidos'. 60

A Política da Memória, Justiça Transitória e Revolucionária

A estratégia para lidar com os 'comprometidos' foi articulada como uma 'estratégia de reintegração', 'descolonização mental', ou 'combate interior para libertar a consciência'. Esta estratégia desenrolou-se entre finais de 1978 e 1982. A posição da Frelimo era que sem o reconhecimento público da culpa dos 'comprometidos' das suas antigas ligações com o colonialismo, não seria possível para eles libertarem-se da 'carga impura' que sua consciência. Machel ordenou que em todos os locais de trabalho e residências, os comprometidos fossem conhecidos por todos, a vigilância popular fosse feita contra eles, seus nomes e traições fossem anotados e afixados em quadros em todos os locais de trabalho junto com suas fotos. 61 Os comprometidos perderam os direitos civis e políticos e muitos deles foram encaminhados para campos de reeducação. 62 Machel também informou que esta estratégia seria monitorada pelos serviços secretos, exército, polícia, funcionários da Frelimo e organizações democráticas de massa.

Após quatro anos de vigilância, expurgos e campos de reeducação, a 'reunião de encerramento' realizou-se em meados de 1982 sob o comando direto de Machel e durou 5 dias. 63 Esta iniciativa transitória combinou diferentes processos relacionados com o tratamento de legados de regimes violentos antecessores, nomeadamente a política da memória, a justiça revolucionária e a justiça transicional. Outro factor que influenciou o encontro e a intersecção dos processos envolvidos foi a política de mobilização: a Frelimo e Machel não reconheciam abertamente que precisavam dos comprometidos, sobretudo dos mais jovens, para lutar na guerra civil moçambicana, mas o seu destacamento foi uma das resultados.

A justiça transicional aplicada no Moçambique pós-colonial diferia da justiça transicional tal como é actualmente conhecida e praticada, na medida em que a Frelimo não estabeleceu uma comissão de inquérito independente, um protocolo formal para orientar as investigações, declarar os direitos das testemunhas ou definir o prazo do processo. 64 O seu principal objetivo era o objetivo declarado de lidar publicamente com os crimes cometidos pelo regime colonial português. Foi unilateral porque tratou apenas dos alegados colaboradores moçambicanos, excluindo os funcionários coloniais portugueses e qualquer investigação dos alegados crimes cometidos pela Frelimo antes e depois da independência. 65 Performativamente, a memória era central para o encontro e estratégia mais ampla da justiça de transição: os comprometidos deveriam narrar suas experiências de filiação colonial, revelando datas, nomes de pessoas e lugares e as tramas das quais haviam participado. Uma vida repleta de experiências contraditórias, havia uma disjunção entre as narrativas de memórias que Machel queria ouvir e o que o comprometido narrava. Essa disjunção deu origem a um sério embate, dando maior visibilidade às dimensões de justiça revolucionária da estratégia. No entanto, esse tipo de justiça é um oxímoro, pois 'atos de vingança sempre fazem parte do processo revolucionário'. 66 Os confrontos levaram Machel a ameaçar os comprometidos e a obrigá-los a falar, com base na 'assunção de culpa, arrependimento, punição e reeducação'. 67 A combinação destas ameaças abriu caminho para Machel mobilizar alguns dos comprometidos para lutar na guerra civil. Santos estava à sua direita e Joaquim Chissano estava sentado à esquerda de Machel. Com o passar dos dias, outros oficiais da Frelimo ocuparam as cadeiras de Chissano e dos Santos. 68 A reunião decorreu na escola secundária Josina Machel, na cidade capital de Maputo. A sala estava decorada com slogans nas paredes que diziam: 'Quando libertámos Moçambique, aqueles que se comprometeram com o colonialismo também ganharam uma pátria'. 69 No total, participaram 1.250 pessoas, sendo a maioria (1.086) comprometida e as demais hóspedes. Os 'comprometidos' sentavam-se em grupos de acordo com as organizações coloniais a que supostamente pertenciam.

Começos: A Reunião e os Participantes na Sala

Inicialmente, Machel rejeitou a ideia de que o passado é composto de 'versões concorrentes da verdade'. 70 Machel afirmou que 'alguns dos comprometidos foram forçados... particularmente os do exército... mas depois assumiram o papel do opressor...' 71 No entanto, os comprometidos foram todos agrupados na mesma categoria, e Machel afirmou que '...independentemente da sua motivação ou do grau de envolvimento, todos apoiaram o sistema que lutava contra a nossa independência'. 72 Esse apagamento da subjetividade dos comprometidos era problemático, pois alguns dos comprometidos narravam memórias de experiências de filiação, mas também de resistência contra o assédio dos colonialistas. Outros narraram experiências de prisão e tortura pela PIDE. 73 Algumas das acusações que Machel fez contra o comprometido também se aplicavam a ele, pois Machel havia adquirido o status de pessoa assimilada e, como resultado, tinha o privilégio de estudar enfermagem em escolas coloniais. 74 As intersecções de alguns aspectos da vida passada de Machel e do acusado tornaram ainda mais problemáticas as fundações morais deste processo.

O discurso

O início do encontro consistiu em declarações de louvor, através de vivas, à Frelimo e ao povo moçambicano, bem como o canto de canções revolucionárias. As canções revolucionárias, os aplausos, os assobios de Machel e a repetição compulsiva de questionamentos, foram traços característicos de todo o encontro. Esta estética, que alguns dos presentes consideraram uma espécie de 'misticismo religioso', 75 foi creditada pessoalmente a Samora.

No seu discurso inaugural, Machel analisou brevemente o resultado da estratégia de quatro anos. Ele concluiu que os resultados foram mistos. O primeiro resultado foi que durante a implementação da estratégia de transição 'houve quem se sentisse exposto ... Quando os expusemos à vigilância popular, eles se viram impedidos de sua atividade antipatriótica e foram abertamente se juntar ao inimigo para que pudessem continuar lutando contra nossa independência e liberdade... Eles não podem viver sem chupar botas'. 76 Dois anos antes, em 1980, Machel tinha feito uma observação semelhante sobre os moçambicanos que escapavam dos campos de reeducação da Frelimo para irem para a Rodésia. 77 Embora Machel não tenha divulgado em nenhuma das ocasiões o número de moçambicanos que escaparam, este resultado negativo foi uma confirmação de que as estratégias da Frelimo para limpar os supostos inimigos internos estavam saindo pela culatra de maneiras perigosas. É interessante notar, no entanto, que o reconhecimento de Machel de que a Frelimo era responsável pela alienação e perseguição política foi posteriormente descartado como uma causa explicativa para a violência em massa no Moçambique pós-colonial. 78 Em contraste com este primeiro grupo que se juntou ao inimigo, um segundo grupo foi descrito como tendo reagido construtivamente desde então, 'quando eles viram suas fotos expostas, eles refletiram seriamente sobre suas ações

antipatrióticas do passado ... eles entenderam seu erro e decidiram que... com o empenho na tarefa da reconstrução nacional poderiam também merecer um lugar na nossa pátria'. 79 Devido à sua transformação, este grupo recebeu uma salva de palmas, e Samora concluiu que eles, assim como as suas ações, simbolizavam o 'renascimento; o Homem Novo'. 80 O grupo final foi composto por indivíduos indecisos. Machel insistiu aos seus destinatários, 'ouçam muito bem, o inimigo ainda está acampado nas suas cabeças... estão habituados a planejar ações anti-revolucionárias. O inimigo transforma a boca desses elementos em papagaios para difundir idéias antipatrióticas'. 81 Nesta fase do discurso de Machel, a ideia de uma 'busca hegemónica' é bem ilustrada no esclarecimento de Machel sobre a natureza deste grupo final, 'a principal característica deste grupo é recusar o nosso poder; a recusa do poder popular'. 82

Problemas, Objetivos e Procedimentos

O cerne da questão, afirmou Machel, era que ser moçambicano consistia em estar pronto para defender 'o próprio princípio da cidadania moçambicana. Mas nem todos assumiram esse princípio'; portanto, disse ele, 'é aqui que está localizado o nosso problema'. 83 No entanto, Machel não forneceu exemplos concretos de como esses indivíduos falharam na defesa da cidadania moçambicana. Afirmou apenas que o seu fracasso estava relacionado com o problema da 'colonização mental' e da 'perda de personalidade', que por sua vez 'não permite mais aos indivíduos perceber a verdade das coisas'. 84 Esses tropos, que localizam problemas políticos dentro dos limites da consciência e tentam mobilizar por meio de sua transformação, lembram a sugestão de Steve Biko de que 'o primeiro passo [na criação da consciência negra], portanto, é fazer o homem negro [sic] voltar a si mesmo; bombear de volta a vida para sua casca vazia; para infundir-lhe orgulho e dignidade, para lembrá-lo de sua cumplicidade no crime de permitir-se ser maltratado e, portanto, deixar o mal reinar supremo em seu país natal'. 85 Em várias ocasiões durante a reunião, Samora insistiu na ideia de um 'processo introspectivo' como pré-condição para a criação de uma consciência nacional. À medida que o discurso inaugural se desenrolava, a linguagem de Machel tornou-se mais forte. Ele elaborou que o comprometido 'assumiu a personalidade de um moleque [pretinho], 86 para servir. Eles começaram a imitar e a macaquear [viver como macacos] a burguesia colonial... macaco, aí aquele pequeno aspirante, aquele pequeno funcionário com seu preso pendurado na cadeira, macaco, macaco, entendeu! ... Ainda querem macaquear, e aqui, não há lugar para macaquear ...' 87 Ele prosseguiu afirmando que 'filhos de camponeses, operários, funcionários de escalão inferior, ou outros trabalhadores modestos costumavam esquecer, escute com atenção... costumavam negar suas próprias origens.' 88 Ao longo dos procedimentos da reunião, o termo 'macaco' foi central para o 'teatro da violência'. 89 Judith Butler sugeriu que "nenhum termo ou declaração pode funcionar performativamente sem a historicidade acumulada e dissimulada da força". 90 Termos como 'macaco', 'selvagem', 'moleque' etc., foram aplicados, antes de Machel, pelos colonizadores para se referir aos colonizados como não-humanos. A esse respeito, o termo

fere porque 'já conhecemos sua força de suas instâncias anteriores... e nos protegemos contra suas invocações futuras'. 91 Quando Machel repetidamente usou calúnias como 'macacos' contra os comprometidos - ou em um caso mulheres trançando cabelos em público 92 - parece que ele estava menos preocupado com o futuro do que com 'criar uma comunidade linguística com uma história de falantes'. 93 Embora Machel fosse terminantemente contra a imitação dos colonizadores, o uso de calúnias acabou por reproduzir as práticas coloniais de humilhar os moçambicanos comuns. Alguns comentadores acadêmicos ignoraram as instâncias em que Machel reproduziu estas práticas coloniais e elogiaram a sua inteligência e credenciais marxistas. 94 Embora intercalando o seu discurso com linguagem injuriosa, Machel insistiu na necessidade de "fazê-los assumir a personalidade moçambicana sem a qual não é possível ter dignidade". 95 A questão do restabelecimento da dignidade das vítimas, frequentemente abordada nos processos de justiça de transição, 96 não foi articulada sistematicamente. Machel mencionou apenas brevemente as vítimas, argumentando que, devido às ações dos comprometidos, muitas pessoas foram vitimadas; 'há crianças órfãs cujos pais caíram nas mãos da PIDE, nas mãos dos administradores; há viúvas cujos maridos foram mortos e queimados pelos comandos...' 97 Machel mencionou estas vítimas para demonstrar que, apesar das ações horríveis que vitimaram numerosos moçambicanos, a Frelimo não aplicou a justiça revolucionária como outros haviam feito em outros lugares. Machel afirmou que como resultado das práticas de clemência da Frelimo, os comprometidos deveriam dizer, 'obrigado por este poder', porque é, 'um poder carregado de... humanismo'. 98 Os procedimentos da reunião foram inspirados pelos ensinamentos das zonas libertadas; 'falar diretamente e ser franco sobre os problemas' para obter 'confiança'. 99 Machel disse, 'queremos que nos digas... qual foi a tua tarefa ao serviço do colonialismo. Queremos saber o grau de sua consciência em relação a este passado'. 100 Como os discursos sobre o programa de transição omitiam esclarecimentos sobre se após as revelações haveria novas punições, o clima inicial do encontro foi marcado pelo medo de muitos dos participantes. Machel reconheceu isso no final do primeiro dia de reunião, 'hoje pensaste que ias ser preso, é verdade, podia ter prendido alguns de vós, é verdade, mas enfim'. 101

Falar como alternativa à justiça revolucionária

Foi decisão de Machel iniciar o processo com os ex-membros da ANP. 102 Inicialmente, os comprometidos foram convidados a se apresentar voluntariamente; eles falaram do chão abaixo do palco e seguiram as ordens de Machel, 'Por favor, diga seu nome e fale livremente'. 103 O percurso biográfico da primeira testemunha (DPH) não esteve relacionado com uma decisão voluntária de adesão às estruturas coloniais repressivas. 104 O seu irmão foi o primeiro a ser detido pela PIDE e passou '16 anos de prisão'. Machel imediatamente o interrompeu, porque era impossível que fossem 16 anos de prisão. A testemunha corrigiu seu lapso momentâneo de memória ou linguagem. A informação correta era de 16 meses. Tornou-se evidente durante as revelações subseqüentes que lapsos conscientes ou

inconscientes de memória ou linguagem eram comuns. DPH disse que foi forçado a ingressar na ANP por circunstâncias semelhantes às que levaram seu irmão à prisão; seu irmão foi acusado e absolvido, mas três meses após sua libertação ele morreu, 'por causa da tortura que sofreu dentro da cela da prisão'. Com esta explicação, Machel reconheceu que havia diferentes experiências entre os comprometidos em relação ao seu passado colonial.

Após o DPH, uma testemunha chamada IJ testemunhou. 105 Machel fez-lhe algumas perguntas triviais que provocaram o riso de todos na sala. IJ contou que era uma espécie de voluntário da ex-União Nacional e que se filiou para salvar a vida. Prosseguiu que foi detido pela PIDE sob a acusação de ser chefe dos trabalhadores negros nas docas do ex-Lourenço Marques; ele ficou preso por 29 dias e passou 11 dias em isolamento. Machel perguntou-lhe se ele era um Che (um funcionário muçulmano), ao que IJ respondeu positivamente, e Machel respondeu que o tinha visto na cara dele. Respondendo a outra das perguntas de Machel, IJ disse que nunca pagou assinaturas de filiação mesmo depois de alguns dos seus colegas o terem ameaçado de ser detido novamente pela PIDE.

Machel ficou desapontado com a narração de IJ e perguntou-lhe porque estava ali. IJ respondeu: 'Eu vim aqui para falar, para me libertar do que você pode pensar que eu sou, quando na verdade não sou'. Em resposta, Machel reagiu iniciando espontaneamente uma canção curta. Quando a cantoria acabou, Machel exortou IJ e todos os outros comprometidos a serem mais sérios. IJ tentou responder, mas Machel o interrompeu, parecendo irritado. Por fim, IJ conseguiu dizer que todos que trabalharam com ele durante seus 29 anos nas docas o levariam a sério. Machel, porém, não se convenceu e disse: 'Sabe colega, que temos muito trabalho! Interrompemos os trabalhos do Conselho de Ministros e do partido; não viemos aqui para brincar. Temos os bandidos armados; temos bandidos dentro da cidade que cometem assassinatos contra estrangeiros...' 106 Machel repetiu que esta reunião foi de extrema importância como exemplificado pelos altos funcionários do partido-estado presentes. Machel produziu um longo discurso durante o qual começou a apresentar os vários membros ilustres do partido Frelimo, depois fez uma ameaça, 'Esta é uma reunião altamente política; não é administrativo. No entanto, podemos transformá-lo em uma reunião administrativa'.

Apesar dessa ameaça, IJ declarou: 'Sr. Presidente, nós moçambicanos pensamos que somos livres e independentes, por isso', disse com orgulho, 'não tenho medo de nenhum castigo que um homem me possa impor, só temo o castigo de Deus porque sei que o castigo de Deus será mais esmagadora...' Machel interrompeu-o instantaneamente para dizer que esperava Outra testemunha, a APM usou um argumento semelhante de vitimização da PIDE para explicar a sua filiação na ANP. 107 Uma troca prolongada desenvolveu-se entre os dois, pois Machel tinha uma versão da relação entre a ANP e a PIDE, enquanto a APM tinha outra. Machel ficou furioso e gritou: 'Seu louco, cale a boca!' Quer dissociar a ANP da PIDE? Como resultado de Machel depreciar APM, seus comentários foram reduzidos a respostas de

'Sim, Sr. Presidente' até que APM foi ordenado a retornar ao seu lugar.

As várias testemunhas que se apresentaram para contar as suas histórias não agradaram a Machel; ele ficou insatisfeito e disse: 'Olha, eu quero um ANP de verdade; Não quero esses peixinhos ignorantes'. Nesse ínterim, outra testemunha, chamada FDSX, veio à frente para prestar seu depoimento; era farmacêutico e estudou em Portugal. 108 Quando FDSX começou a sua narração, Machel interrompeu-o para dizer que tinha uma foto de FDSX a fazer um discurso político durante a era colonial. Machel dirigiu-se então a toda a audiência para dizer: 'Conheço todos aqui... A PIDE deu-me todas as vossas biografias... Tudo o que cada um de vós fez, eu sei. Eu não estou apenas reunindo com você assim, estou louco?' Antes da reunião, Machel também fizera uma observação semelhante, 'em breve anunciaremos a lista completa dos homens que colaboraram com a PIDE para matar Mondlane. Nós os conhecemos. 109 No entanto, Christie indicou que o regime colonial 'não havia fornecido listas de nomes'. 110 Para reforçar a sua afirmação de que conhecia toda a gente através dos ficheiros da PIDE, Machel insistiu que tinha uma fotografia de FDSX a discursar na festa da ANP em Quelimane. A FDSX refutou a alegação de Machel, dizendo que o único local onde tinha proferido discursos foi na cidade de Xai-Xai, descreditando assim Machel e os supostos ficheiros da PIDE. No entanto, Machel continuou a humilhar o FDSX dizendo que quando o FDSX voltou de Portugal, 'você já era um assimilado, um médico... você estava alienado'. FDSX tentou responder mas Machel não o permitiu. Machel sugeriu que FDSX deveria sentir vergonha de ter estudado em Portugal para se tornar médico, o que demonstrava hipocrisia, pois Machel não demonstrava nenhuma vergonha por ter estudado enfermagem em escolas coloniais. Algumas das performances de Machel transformaram os procedimentos em algo 'intensamente pessoal' 111 que estava além da 'busca hegemônica'. Seu ex-assessor refutou essa suposição dizendo: 'Não, o presidente Samora tinha essa qualidade; ele não misturou seus sentimentos pessoais com o interesse nacional'. 112 À medida que a reunião avançava, Machel ainda não estava convencido por nenhuma das testemunhas: 'Estas coisas que me estás a dizer, não me diz nada'. 113 As testemunhas até então diziam que tinham sofrido muito e que o seu alistamento nas estruturas coloniais não tinha sido resultado do 'apoio voluntário ao aparelho colonial repressivo'. 114 Eles se juntaram por causa de experiências traumáticas e na tentativa de salvar suas vidas. É difícil saber se isso era verdade ou não, e Machel não apresentou os supostos arquivos da PIDE para provar suas acusações. Não está claro se Machel conseguiu mudar as mentes de pessoas como IJ, DPH e outros como consequência dessas interações. muito obrigado por esta oportunidade de falar. Em primeiro lugar, diria que a minha ligação à ANP constitui o resultado de toda a trajectória do meu compromisso político..." A isto Machel animou-se e chamou AF para a frente e agradeceu-lhe. Machel ficou convencido quando AF disse, 'Sr. Presidente, devo confessar que tive uma educação fascista; começou quando eu era criança, quando fui... educado pelos padres...' Machel não interrompeu para fazer perguntas, mas apenas para reforçar o que AF dizia. No final, o AF foi aprovado. Ele foi recompensado com a resposta mais gentil do presidente: 'É assim que eu quero, que façam uma boa análise... É

preciso falar honestamente'. Consequentemente Machel convidou AF para se tornar um membro da Frelimo, e foi aplaudido. Talvez AF tenha incorporado tão bem o roteiro lisonjeiro porque, desde os primeiros dias da independência, os quadros da Frelimo desenvolveram um processo abrangente de doutrinação ideológica revolucionária de jornalistas e do setor de informação como um todo. 121 É interessante notar que o compromisso que se seguiu à AF não imitou o reconhecimento incondicional de culpa exemplificado pela AF. A razão parece ser a resistência. Pode-se argumentar que alguns dos supostamente comprometidos viam a resistência "como uma luta defensiva contra um tirano culpado de atos de agressão à ordem política". 122

justiça revolucionária

O testemunho de AF aumentou as expectativas de Machel e ele fez um apelo, 'todas as pisadas devem ser ganhas. Toda inibição da consciência deve ser superada... para que nos tornemos homens livres e independentes'. Ele foi além, usando a linguagem da guerra: 'Já temos nossa munição, não é verdade? Já temos nossas armas; os canos das nossas armas já estão carregados, não é verdade? ... A liberação da consciência é uma batalha'. Essas palavras não apelavam mais à memória, era uma tentativa de mobilização para novas lutas além da consciência. Machel estava propositalmente estimulando as pessoas politicamente com uma série de lembretes: 'Vocês estão carregados de individualismo... vocês são tribalistas, racistas, regionalistas, elitistas, mas com um elitismo superficial de ignorância [...] , vocês poderão se libertar'. 123 À medida que a reunião prosseguia, Samora telefonou a alguém que tinha pedido para falar no dia anterior. 124 Foi AJE, que afirmou sem rodeios que o processo da sua transação começou com a sua detenção pela PIDE. Machel demonstrou menos interesse pela história de AJE do que por suas roupas e barba. Machel disse que desde o dia anterior tinha reparado que AJE não estava vestido adequadamente. Para mostrar a sua aversão, Machel perguntou: 'Não tens dinheiro? Por que você vem aqui de camiseta? Quando AJE tentou responder, Machel interrompeu-o, criticando ainda mais as roupas de AJE, 'A maneira como você está vestido, enfim, diz que você é anti-social, viciado em drogas e insignificante [risos] ... Saia da frente aqui, vá se vestir... vá se limpar e fazer a barba...'

Uma vívida demonstração de justiça revolucionária foi realizada durante uma troca com um homem que Machel chamou de 'Peixe Grande'; seu nome era MDV; e Machel disse que queria ouvir com muita atenção a sua história. 125 Machel estava particularmente interessado na história de Big Fish por causa de sua antiga afiliação com a organização Associação dos Negros. Big Fish afirmou que não era membro da Associação dos Negros, mas participava de suas festas. Machel disse que o Sr. Ferreira, um suposto oficial da PIDE, apresentou o Big Fish ao porque eles se recusaram a cantar as canções revolucionárias da Frelimo. Os interrogatórios posteriores de Machel forneceram evidências adicionais de que esta reunião não era mais apenas para avaliar os legados do passado colonial. Machel

estava a mobilizar estes homens, embora de forma disfarçada, para dar uma resposta violenta contra os 'bandidos armados' que tinham sitiado o país.

Um dos comprometidos, CF, narrou que tinha ido a Portugal para fazer o curso de pára-quedas na Força Aérea. 137 Machel perguntou-lhe como tinha entrado para a força aérea. CF respondeu que havia se voluntariado. Machel não gostou da sua resposta e disse, 'É visível mesmo... podemos ver que ele é um voluntário, ele está convencido, mas vou-te desfazer [mas vou-te desfazer], continua!' No entanto, Machel não deixou CF dar o seu testemunho completo. Machel interrompeu CF e pediu a todos os voluntários que se apresentassem, e então começou a interrogar todos eles. Então Machel mudou, de repente vendo o grupo como inimigos na sala e transmitindo a impressão de que a reunião havia se tornado 'uma questão de vida ou morte para os participantes'. 138 Mandou todos os ex-voluntários saírem da sala e depois, agitado, instruiu repetidamente os seus ajudantes (Fernando, Júlio, Carrilho e Rebelo) pode ser bem definido ... agora temos que agir de uma maneira diferente, administrativamente ... Tivemos a guerra aqui contra Smith, mas eles nunca se ofereceram; há bandidos, mas eles não se voluntariam. Mas esses homens eram voluntários contra o nosso povo... A África do Sul infiltrou bandidos armados no país, mas não, eles não são voluntários'.

Machel queixou-se da alegada arrogância destes ex-voluntários. No entanto, parece que apenas Machel viu ou sentiu sua arrogância. Isso ficou claro quando ele começou a perguntar a todos: 'Vocês viram a arrogância com que eles falavam, aquelas afirmações retumbantes, macaco! Oh, as medidas serão drásticas!' 139 Embora os ex-voluntários fossem muitos, Samora usou a palavra 'macaco' no singular do indicativo ao referir-se à CF. Machel ficou obcecado com CF e disse, 'Aquele jovem que estava aqui a falar, aquele CF não é normal, parece patológico. Você ouviu como ele estava falando? As pessoas podem não ter ouvido CF a falar porque Machel quase não o permitiu falar. Ouvi o que CF disse porque sua voz saiu direto do microfone para os gravadores de som, mas não achei nada de anormal no pouco que CF falou. No entanto, o público respondeu que tinha ouvido. Se Machel entendeu que CF tinha sido arrogante, não foi por causa do que CF disse. Machel só poderia ter chegado a essa conclusão interpretando através da emoção corporal de CF. Pierre Bourdieu sugeriu que por meio da 'emoção corporal (vergonha, timidez, ansiedade, culpa)' 140 o dominado aceita tacitamente, de antemão, os limites que lhe são impostos. Neste caso, Machel acusou CF de ser arrogante com base numa alegada ausência destas emoções corporais. Esta leitura meticulosa das emoções corporais sugere que os sentidos de Machel estavam hiperalertas.

A fixação de Machel em CF era tão intensa que ele disse: 'Se o pegarmos, execute-o'. Ele ordenou que todos os GE e GEP na sala se levantassem e exclamou: 'Se o pegarmos, execute-o!' Nesse caso, Machel começou a gritar: 'CF, CF ... traga-o aqui muito rápido, ele é o pior de todos, uma pessoa da pior espécie. Amigos, vocês fazem provocações. Se pegarmos

você e o executarmos, e daí? O poder está conosco'. É pavoroso, mas também informativo sobre a forma como Machel escolheu as palavras para falar de castigo: fala de amigos a par da possibilidade de os executar. A combinação dessas duas palavras dá a impressão de que ele está falando sobre algo mundano. Ele deu mais evidências de como a execução de alguém pode ser banal ao dizer: 'As pessoas de fora estão conosco. Se apreendermos fundamentos questionáveis do processo e reunião também se revelam na acusação de Machel de que as ações dos comprometidos 'eram complementares e serviam para concorrer para o mesmo objectivo', que era 'impedir a independência, negar Moçambique'. 147 À luz do que o transigido realmente narrou, no entanto, a descrição de Machel de suas ações passadas pode ser vista como 'fantasia ou figuração de poder', 148 na medida em que imaginou um poder que o transigido nunca teve. As narrativas dos comprometidos não dão nenhuma indicação de que suas ações moldaram as políticas coloniais. Rebaixá-los chamando-os de 'peixes pequenos' ao mesmo tempo que infla o seu papel, fornece mais uma prova de que o poder atribuído aos comprometidos foi uma invenção pós-colonial por parte da Frelimo.

Apesar do investimento da Frelimo e Machel em 'descolonizar as mentes' dos comprometidos, é duvidoso que tenham alcançado esse objetivo. Nos seus discursos finais, Machel indicou que, embora tenha havido algum sucesso, também houve sérios contratempos. Por exemplo, algumas pessoas fugiram do país na sequência da reunião, embora Machel apenas tenha divulgado informações sobre os casos de três altos funcionários do Estado moçambicano: 'E precisamente por causa desta reunião, hoje um elemento da segurança entregou-se ao racistas... Jorge Costa'. Machel sugeriu que a fuga de Costa representava uma séria ameaça à segurança do país, '...por esta razão', disse ele, 'preparem-se, ele [JC] pode provocar uma invasão'. Os outros fugitivos eram o Primeiro Secretário da Embaixada de Moçambique em Harare, e um funcionário da Presidência da República. 149 Relatos anteriores desta reunião não mencionam essas limitações, contradições e falhas. Em vez disso, argumentam que durante a reunião, 'o tom mudou dramaticamente à medida que os comprometidos lentamente se convenceram da sua aceitação pela Frelimo [...] A reconciliação foi alcançada', 150 ou que os comprometidos 'discutiram francamente o seu próprio passado'. 151 Tais análises distorcem o desempenho de Machel e dos comprometidos. Machel usou incessantemente linguagem deplorável contra os transigidos e os acusados regressaram aos seus lugares mostrando poucas evidências de reconciliação. No último dia da reunião, Machel ainda comentava a resistência dos transigidos à mudança, comparando-os com o rabo de um cão. 'Se você inserir e prender o rabo de um cachorro em um cano durante três anos, no dia em que você soltar o rabo se desdobrará novamente.' 152 Em apenas três ocasiões Machel pareceu feliz; ao chamar AF de 'meu filho'; quando um velho chamado EL chamou Machel Hossi (Deus), e foi perdoado por Machel por suas más ações passadas; e quando um homem chamado MM, que já estava há três anos num campo de reeducação no norte de Moçambique, revelou ter denunciado muitos moçambicanos à PIDE, confessou-se culpado e pediu perdão. Esses casos, em

comparação com os numerosos outros, fornecem evidências insuficientes de reconciliação. No entanto, esses também são os casos apresentados em um documentário recente sobre os comprometidos, no qual os dilemas e a violência ocorridos durante o encontro foram deixados de lado.

Para além dos insucessos, Machel indicou que foram alcançados sucessos ao afirmar que, 'Muitos mostraram que souberam assumir a responsabilidade do seu passado...' Os representantes dos vários grupos de comprometidos leram os seus discursos finais em que prometeram viver e morrer pela pátria. No seu discurso final Machel declarou explicitamente que era seu desejo usar os comprometidos para fornecer uma resposta violenta na guerra civil. machel

Referências

- I. Christie, Samora Machel: A Biography (London, Zed Press, 1989);
- J. Hanlon, Mozambique: The Revolution under Fire (London, Zed Books, 1984).
- J. Saul (ed.), A Difficult Road: The Transition to Socialism in Mozambique' (New York, Monthly Review Press, 1985);
- J. Coelho, 'Da Violência Colonial Ordenada à Ordem Pós-Colonial Violenta', Lusotopie (2003), pp. 175 –93.
- W. Louwrier and I. Bertels, Mozambique or Treatment for Traitors (documentary, without a date).
- T. Henriksen, Mozambique: A History (London, Rex Collings, 1978).
- E. Cabral de Mello, O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641–1669 (Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2003), p. 15.
- H. White, The Content of the Form (Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1987), p. 10.
- M. Newitt, A History of Mozambique (London, Hurst & Company, 1995);
- J. Saul, Socialist Ideology and the Struggle for Southern Africa (Trenton, New Jersey, Africa World Press, 1990);
- A. Isaacman and B. Isaacman, Mozambique: From Colonialism to Revolution, 1900–1982 (Gower, Westview Press, 1983);

B. Munslow, *Samora Machel: An African Revolutionary* (London, Zed Books, 1985).

A. Dinerman, *Revolution, Counter-revolution and Revisionism in Postcolonial Africa* (Oxford, Routledge, 2006), p. 62; A. Bragança and J. Depelchin, 'Da idealização da Frelimo à compreensão da história de Moçambique', *Estudos Moçambicanos* 5/6 (1986), pp. 29 –52.

Henriksen, 'Mozambique', 1978; J. Leguèbe, *Mozambique Under Frelimo Rule*, in W. Veenhoven and W. Ewing (eds), *Case Studies on Human Rights and Fundamental Freedoms* (The Hague, Martinus Nijhoff, 1976), pp. 3–28.

L. Vail and L. White, *Capitalism and Colonialism in Mozambique* (London, Heinemann, 1980).

P. Chabal and J-P. Daloz, *Africa Works* (Oxford, James Curry, 1999), p. 31.

J. Alexander, J. McGregor, and T. Ranger, *Violence and Memory: One Hundred Years in the 'Dark Forests' of Matabeleland* (Oxford, James Curry, 2000), p. 181.

J. Cabrita, *Mozambique: The Tortuous Road to Democracy* (New York, Palgrave, 2000);

B. Ncomo, *Uria Simango* (Maputo, Edições Novafrica, 2003).

J. Bayart, 'Hégémonie et coercition en Afrique sub-saharienne', *Politique Africaine*, 110 (2008), pp. 123 –52.

P. Ricoeur, *History and Truth* (Illinois, Northwestern University Press, 2007 [1955]), p. 38.

M. Mamdani, 'Making Sense of Political Violence in Postcolonial Africa', *Identity, Culture and Politics*, 3, 2 (2002), pp. 1–24;

Bayart, 'Hégémonie et coercition'.

Bayart, 'Hégémonie et coercition', p. 133.

J. Abbink, 'Transformations of Violence in Twentieth-Century Ethiopia: Cultural Roots, Political Conjunctures', *Focaal*, 25, (1995), p. 67.

Bayart, 'Hégémonie et coercition'.

Ibid.

V. Igreja, 'Testimonies of Suffering and Recasting the Meanings of Memories of Violence in

Postwar Mozambique', in L. Kapteijns and A. Richters (eds), *Mediations of Violence in Africa: Fashioning New Futures from Contested Pasts* (Leiden, Brill, 2010), pp. 141–72.

Butler, *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (New York, Routledge, 1997).

Butler, *Excitable Speech*, pp. 4–5.

W. Burchett, *Southern Africa Stands Up: The Revolutions in Angola, Mozambique, Zimbabwe, Namibia and South Africa* (Melbourne, Outback Press, 1978).

J-M. Tali, *Dissidências e poder de estado: O MPLA perante si próprio (1962–1977) Vol. II* (Luanda, Editorial Nzila, 2001), p. 184.

E. Worby, 'Tyranny, Parody, and Ethnic Polarity: Ritual Engagements with the State in Northwestern Zimbabwe', *Journal of Southern African Studies (JSAS)*, 24, 3 (1998), p. 565.

Alexander et al., *Violence and Memory*, p. 190.

A. Jones and D. Manda, 'Violence and 'Othering' in Colonial and Postcolonial Africa', *Journal of African Cultural Studies*, 18, 2 (2006), pp. 197–213;

I. Sundiata, 'The Structure of Terror in a Small State', in R. Cohen, *African Islands and Enclaves* (London, Sage Publications, 1983), pp. 81 –100.

Isaacman and Isaacman, *Mozambique; Munslow Samora Machel; Newitt, A History of Mozambique*.

Saul, 'Socialist Ideology'.

Mondlane, *The Struggle for Mozambique*, pp. 132–3.

Y. Adam, 'Samora Machel e o desenvolvimento de Moçambique', in A. Soupa (ed.), *Samora: Homem do Povo* (Maputo, Maguezo Editores, 2001), p. 41.

Ibid.

H. Abrahamsson and A. Nilsson, *Moçambique em Transição* (Maputo, CEGRAF, 1994).

Leguèbe, 'Mozambique under Frelimo Rule', p. 13.

T. Henriksen, *Mozambique*, p. 227; *Cabrita, Mozambique*, p. 82;

M. Hall and T. Young, *Confronting Leviathan: Mozambique since Independence* (London, Hurst & Co., 1997), p. 47.

J. Saul and C. Leys, 'Lubango and After', *JSAS*, 29, 2 (2003), pp. 334–53.

Cabrita, Mozambique, pp. 82–3.

J. Alexander, 'The Local State in Post-War Mozambique', *Africa*, 67, 1 (1997), p. 4.

K.R. Xanana Gusmão, *A Construção da Nação Timorese* (Lisboa, LIDEL, 2004), p. 97.

O. Monteiro, *Tempo*, 406 (1978).

C. Geffray, *La cause des armes au Mozambique* (Paris, Karthala, 1990);

F. Florêncio, *Ao encontro dos Mambos: autoridades tradicionais vaNdau e Estado em Moçambique* (Lisboa, ICS, 2005);

V. Igreja, 'Traditional Courts and the Struggle Against State Impunity for Civil Wartime Offences in Mozambique', *Journal of African Law*, 54, 1 (2008), pp. 51–73;

V. Igreja and B. Dias-Lambranca, 'Christian Religious Transformation and Gender Relations in Postwar Gorongosa', *Journal of Religion in Africa*, 39, 3 (2009), pp. 262–94.

Hall and Young, *Confronting Leviathan*;

M. Cahen, *Os outros: um historiador em Moçambique, 1994* (Basel, P. Schlettwein Publishing, 2004);

Cabrita, Mozambique.

Machel, RC, day 3, Archives of RM.

Notícias, 9 September 1985. 50 Personal interviews: Gorongosa, 17 December 2004;

Beira, 7 January 2009.

D. Hoile, *Mozambique, Resistance and Freedom* (London, Mozambique Institute, 1994), p. 29; Leguèbe, 'Mozambique under Frelimo Rule'.

H. West, 'Voices Twice Silenced', *Anthropological Theory*, 3, 3 (2003), pp. 343–65.

Ncomo, Uria Simango;

Cabrita, Mozambique.

B. Mazula (co-ord.), Moçambique: 10 anos de paz, Vol. I (Maputo, CEDE, 2002);

Hoile, Mozambique.

Hanlon, Mozambique; Saul, A Difficult Road;

M. Hall, 'The Mozambican National Resistance Movement (Renamo)', *Africa*, 60 (1990), pp. 39–68.

Hoile, 'Mozambique, Resistance and Freedom';

Coelho, 'Da violência colonial ordenada'.

C. Geffray, La cause des armes;

M. Cahen, 'Success in Mozambique?', in S. Chesterman, M. Ignatieff and R. Thakur (eds), *Making States Work* (Tokyo, United Nations University Press, 2005), pp. 213–33.

Machel, in CEDIMO, Vol. IV.

S. Machel, *Tempo*, 424 (1978).

Machel, in CEDIMO, Vol. IV.

RC, archives of TVM.

Ibid.

J. Gaddis, *The Landscape of History* (Oxford, Oxford University Press, 2004).

Machel, RC, day 1, opening speech, archives of RM.

Ibid.

RC, days 1– 5, archives of TVM, RM, and AR.

Burchett, *Southern Africa Stands Up*.

Personal interview with the late Fernando Ganhão;

Maputo, 14 December 2004.

Machel, RC, opening speech, day 1, archives of RM.

S. Machel, in B. Munslow, Samora Machel: An African Revolutionary (London, Zed Books, 1985).

V. Igreja, 'Memories as Weapons' JSAS, 34, 3 (2008), pp. 539 –56.

Machel, RC, day 1, archives of RM.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

K. Burrige, New Heaven, New Earth (New York, Schocken Books, 1969), p. 8.

S. Biko, I Write What I Like (Johannesburg, Picador Africa, 2008 [1978]), p. 31.

Michaelis Dictionary (1989, Revised Ed.)

Machel, RC, opening speech, day 1, archives of RM.

Ibid.

Ibid.

Butler, Excitable Speech, p. 51.

Ibid.

S. Machel, inaugural academic year of 1982, archives of TVM, Maputo.

Butler, Excitable Speech, p. 52.

Newitt, A History of Mozambique;

Christie, Samora Machel.

Machel, RC, opening speech, day 1, archives of RM.

A. Boraine, A Country Unmasked (Oxford, Oxford University Press, 2000).

Machel, RC, opening speech, day 1, archives of RM.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Machel, RC, day 1, archives of RM.

Ibid.

Ibid.

Machel, speech during the Frelimo party re-structuring, cited in CEDIMO, Vol. IV, Maputo, 1978.

Christie, Samora Machel, 1989.

Ibid. 112 Personal interview, Jorge Rebelo;

Maputo, 15 December 2004.

RC, day 1, archives of RM.

Hanlon, Mozambique, p. 171. 116 Ibid.

Butler, Excitable Speech, p. 52.

A. Mbembe, On the Postcolony (Berkeley, University of California Press, 2001).

F. Fanon, Black Skin, White Masks (London, Pluto Press, 1986 [1952]);

Biko, I Write What I Like. 120 RC, day 1, archives of RM.

Counteracting Arrogance and the Mobilisation to Violence Despite Machel's insistence, it was never predictable what attitude constituted 'arrogance', although Hanlon asserted that some former ANP members were 'implacably arrogant' 136

Butler, 'Excitable Speech', p. 77.

Christie, Samora Machel, p. 174.

RC, day 3, archives of RM.

Christie, Samora Machel, p. 174. 130 Ibid.

Dinerman, 'Revolution, Counter-revolution', p. 62.

A. Isaacman, 'Legacies of Engagement', African Studies Review, 46, 1 (2003), p. 5.

R. Aya, Rethinking Revolutions and Collective Violence (Amsterdam, Het Spinhuis, 1990), p. 86.

L. White, 'The Revolutions Ten Years On', JSAS, 11, 2 (1985), p. 321. 135 RC, day 3, archives of RM.

Hanlon, Mozambique, p. 174.

A. Margalit, Ethics of Memory (Cambridge, Massachusetts, 2002), p. 34.

Abbink, 'Transformations of Violence', p. 68. 143 RC, day 4, archives of RM.

Bayart, 'Hégémonie et coercition'.

RC, day 1, archives of RM.

Frelimo's Political Ruling through Violence and Memory 797

RC, day 5, archives of RM.

Butler, 'Excitable Speech', p. 78.

RC, day 5, archives of RM.

Hanlon, Mozambique, p. 174.

Saul (ed.), A Difficult Road, p. 89.

RC, day 5, archives of RM.

Louwrier and Bertels, Mozambique.